

Itália e Brasil na literatura: visões, diálogos e comparações

As relações entre Itália e Brasil existem há séculos, e, a cada dia se estreitam mais, principalmente no campo dos Estudos Literários pois diversos pesquisadores, distribuídos pelos estados brasileiros e por outros países como Argentina e Itália, por exemplo, se interessam por tecer comparações, traduzir textos brasileiros para leitores italianos e textos italianos para leitores brasileiros, lançar seus olhares críticos sobre obras literárias, tanto da Literatura brasileira como da italiana, e falar sobre as visões representadas nos textos literários e sobre possíveis diálogos existentes, seja na tessitura, seja na recepção deles. Desta forma, como atividade ligada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Unesp de São José do Rio Preto e ao Grupo de Pesquisa “Literatura Italiana e outras Artes”, reunimos, no presente volume da Revista Olho d’água, oito artigos de diversos estudiosos sobre o eixo da comparação e transposição, além de uma seção sobre criação literária, neste volume será sobre poesias acompanhadas de suas traduções e comentários a respeito da transposição do italiano para o português, de forma a completar um Dossiê.

Assim, iniciamos o “Dossiê Itália e Brasil na Literatura: visões, diálogos e comparações” com o artigo de Adriana Lins Precioso, intitulado “Tradição e História: os fios que tecem as Cidades de Italo Calvino e Ferreira Gullar. Adriana Precioso é docente de Teoria da Literatura, da Universidade Estadual do Mato Grosso – MT – Brasil, e evidenciou as diferentes estratégias de retorno que os textos literários *Le città invisibili* (1972), de Italo Calvino, e *Cidades inventadas* (1997), de Ferreira Gullar, utilizam para realizar a visita aos clássicos em seu artigo. A seu ver, Calvino visita a tradição, o cânone literário e Gullar escolhe revisitar os fatos históricos comprovados pela História Oficial. Segundo a estudiosa, as construções das imagens das cidades ganham formas e contornos de acordo com as poéticas individuais e culturais de cada escritor, possibilitando o reconhecimento de um diálogo profícuo na recepção do leitor mais atento.

Erica Aparecida Salatini Maffia, docente de Língua e Literatura italianas, do Departamento de Letras Românicas, do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, que enfoca a produção literária do italiano Antonio Tabucchi, lusitanista e tradutor, que teve importante papel na mediação e divulgação da cultura brasileira na Itália. Foi ele que realizou a tradução para o italiano da primeira coletânea de poemas de Carlos Drummond de Andrade, publicada na Itália em 1987, por exemplo. Antes disso, o leitor italiano só havia tido acesso a poemas esparsos de Drummond, publicados em antologias de poetas brasileiros. Tabucchi foi também o primeiro a traduzir o romance brasileiro *Zero*, de Ignácio de Loyola Brandão, em 1974. No mesmo ano, foram também publicadas as traduções de dois romances de José Lins do Rego realizadas por ele. Além disso, o escritor, estudioso e tradutor italiano escreveu resenhas e artigos sobre a literatura brasileira e pequenos diários de viagem sobre o Brasil que publicou no volume *Viaggi e altri viaggi*. No presente estudo, Erica reflete criticamente a respeito da relação do escritor italiano com a cultura brasileira por meio dos textos de divulgação que ele compôs, discutindo seu papel como mediador da cultura brasileira para

a cultura italiana por meio da literatura, de forma a destacar a importância da cultura como prática de produção de sentido, problematizada nos textos críticos do escritor italiano sobre a literatura brasileira.

Em seguida temos o artigo de Ionara Santin, doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Unesp – Câmpus de Assis – SP, Brasil, intitulado “Machado de Assis e *I cantanti d’opera italiani*: transferências culturais”, no qual, tendo como base diversas crônicas de Machado de Assis, a pesquisadora verifica o testemunho do contato do escritor brasileiro com muitas culturas e literaturas, dentre elas a italiana, mesmo nunca tendo viajado para o exterior. Segundo Ionara Santin, o conhecimento que Machado de Assis teve da Itália foi adquirido de longe, do seu Rio de Janeiro, cidade onde sempre permaneceu, por meio da leitura de revistas, livros, jornais, correspondências e da vinda de italianos para lá. Assim, a Itália machadiana não seria somente fruto de escolhas pessoais, mas também do contato direto com certos mediadores, que de acordo com o conceito de transferências culturais podem ser tanto um livro, um jornal, um viajante, um escritor, um cantor de ópera ou um artista. A contribuição dos cantores de ópera italianos na construção imagética da Itália do cronista é o cerne da discussão promovida no artigo, com base nos conceitos de transferências culturais, levando em consideração que todo o processo de deslocamento gera uma mudança, uma adaptação.

Laura Gherlone, do *Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas – CONICET / CIFAL*, e do *Centro de Investigaciones de la Facultad de Lenguas, Área de Literaturas y Culturas Comparadas da Universidad Nacional de Córdoba – UNC*, Argentina, é a autora do quarto artigo, intitulado “*Scrittrici italo-ebree tra ricordi e memoria transgenerazionale*”, traduzido na sequência como “Escritoras ítalo-judaicas: entre lembranças e memória transgeracional”. Nele, a pesquisadora reflete a respeito de como as vozes femininas na Literatura italiana contemporânea vêm ocupando um espaço cada vez mais amplo, marcando a produção literária com um estilo próprio. Segundo a estudiosa, ainda assim, frequentemente, mesmo quando se trata de autoras consagradas como Nathalia Ginzburg ou Elsa Morante, sua presença ainda é marginal a nível de divulgação pois a maior parte das antologias que tratam da Literatura italiana do século XX e do início do século XXI se limitam a fazer menção à produção artística das escritoras mais notórias sem, no entanto, levar em consideração o mais amplo fenômeno da escrita feminina, ou seja, a presença da narrativa judaica, produzida depois de oitenta anos das leis raciais fascistas.

No artigo intitulado “Às cegas: Intertextualidade e leitura da memória literária”, o estudioso Marcelo Franz, docente da Universidade Federal Tecnológica do Paraná – UTFPR, em Curitiba – PR – Brasil, analisa as formas como ocorre a intertextualidade no romance *Às cegas*, de Claudio Magris (2009), focalizando no texto do escritor italiano o intenso diálogo com obras clássicas da Literatura mundial, referidas de modo complexo na experiência memorialística do narrador protagonista, Salvatore Cippico. A seu ver, a rememoração de seus atos – situados em contextos históricos que são descritos criticamente – é, ao mesmo tempo, fortalecida e confundida pela rememoração de suas leituras formadoras. Em diversos, o intertextual se revela, por vezes de modo dramático, utilizando-se a perspectiva de estudo

por meio da experiência da “memória da literatura”, termo consagrado pela teorização de Tiphaine Samoyault, que orienta análise do romance de Magris.

O artigo seguinte tem como título “A potência do ‘não’: Alessandro Baricco e Herman Melville – um diálogo”. É de autoria de Maria Célia Martirani, docente do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas, da Universidade Federal do Paraná – UFPR, em Curitiba – PR – Brasil. Nele, a estudiosa verifica como o escritor italiano contemporâneo Alessandro Baricco investe na intertextualidade como um de seus procedimentos narrativos mais recorrentes, por meio da perspectiva de estudos apontada por Samoyault. Segundo Célia, o trabalho intertextual de Baricco revela uma concepção de mundo que elege o afastamento das certezas, o elogio da oralidade e da narrativa, a multiplicidade de pontos de vista, a exaltação de tipos à margem dos sistemas, o heroísmo da derrota e a apologia da queda e da renúncia, principalmente em dois casos literários em matriz comparatista: a) *Novecentos e Bartleby* e b) *Bartleboom, Plasson e Bartleby*, que ilustram de que forma o autor turinês propõe esse diálogo intertextual com a obra *Bartleby*, o escrivão do escritor Melville, sobretudo, a partir do estudo de Agamben (1993) a respeito da “Potência do não”.

O artigo que tem como título “*La lingua è un cavallo: tradurre Clarice Lispector*” e comparece acompanhado da tradução para o português com o título “A língua é um cavalo: traduzir Clarice Lispector” é de autoria de Roberto Francavilla, da Área de Literaturas e Culturas de Língua Portuguesa da *Università degli Studi di Genova* – Itália, e propõe um duplo percurso de estudo pois, de um lado, realiza a valoração crítica das causas que contribuem para favorecer, ou impossibilitar o fluir de edições, a presença interna do mercado editorial e a recepção de obras da literatura brasileira fora do Brasil e, no caso estudado, na Itália: das antigas consequências da hierarquia das línguas às políticas institucionais com as quais a cultura brasileira é exportada na dimensão da literatura mundial; à verificação das inclusões e das exclusões de um *corpus* em constante redefinição à consagração global de paradigmas desvinculados da identidade histórico-cultural do país latino americano. Como segundo percurso, por outro lado, analisa um caso relativo à obra de Clarice Lispector, apresentando uma breve história das traduções e da recepção na Itália, incluída a disseminação, em entradas múltiplas, e um caso de tradução de divulgação popular. Depois de traçar um percurso de aprofundamento dos aspectos mais intimamente ligados às questões da língua (relação com o cânone linguístico, “conquista” de uma língua exógena, manutenção dos traços maternos vinculada à origem ucraniana) o estudioso realiza uma análise da experiência tradutória e de seus revezes empíricos, escolhendo como campo de pesquisa o romance *Água viva*. Ele observa, particularmente, como uma poética elaborada pela própria escritora (a hipótese do “olhar oblíquo” com o qual se realiza uma estratégia de aproximação ao mundo e à alteridade) pode conduzir, paralelamente, à transposição do texto em uma segunda língua, no caso o italiano.

O último artigo é de autoria de Tiago Marques Luiz, Doutorando em Estudos Literários na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), e tem como título: “Um fermento italiano: Chaucer lê os italianos e satiriza a Inglaterra medieval”. Embasado pela teoria da Intertextualidade, o estudo apresentado busca verificar como Chaucer se apropriou da literatura italiana e trouxe dela elementos que ficaram evidentes ao leitor de sua época e

também ao contemporâneo. Chaucer estava em missão na Europa, e teve o contato com a literatura que florescia na Itália. Como sua contística retratava a realidade dominante das classes superiores, como a Igreja e a aristocracia, por meio da sátira, Os contos da Cantuária tiveram como elemento enriquecedor a metanarrativa, que propõe uma dialética ao abordar questões delicadas como as relações sociais, especificamente de gênero, e outras nem tanto convencionais em relação à mentalidade moralizante da época.

Além dos artigos crítico-teóricos presentes no Dossiê, criamos uma inédita Seção de Tradução Comentada, que abriremos com poesias igualmente inéditas da poeta Vera Lúcia de Oliveira, também docente da Università degli Studi di Perugia (UNIPG), uma cidadã ítalo-brasileira, que estudou até a graduação no Brasil e foi continuar seus estudos na Itália, país no qual realizou especialização e doutorado, e onde ingressou como Docente Universitária em 1997, tendo passado a ser concursada efetiva em 2001, para atuar no ensino e na pesquisa de Literatura Brasileira/Portuguesa e Língua Portuguesa. São cinco poesias que fazem parte da coletânea inédita intitulada *Ero fra calda gente in un caldo paese* (*Eu estava entre pessoas luminosas, num lugar luminoso*). Os cinco textos poéticos compõem aqui, tanto em língua original, o italiano, quanto em versões traduzidas para o português por Pedro Henrique Pereira Graziano, doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras da Unesp de São José do Rio Preto, que passa por um período de estudos e pesquisa na UNIPG, com Bolsa Sanduíche CAPES, e foram revisados pela própria poeta. As traduções estão acompanhadas de comentários feitos pelo tradutor e pela autora, elucidando os processos tradutórios e destacando as nuances presentes nos textos poéticos nas duas línguas.

Nossa chamada para o “Dossiê Itália e Brasil na Literatura” recebeu uma maravilhosa acolhida e foram muitos estudiosos que enviaram artigos para a publicação, de forma que estamos preparando mais um Dossiê a respeito do mesmo eixo de estudos, que será publicado no próximo número da Revista no primeiro semestre de 2019. Aguardem!

Por enquanto, desejamos a todos boa leitura!

Maria Celeste Tommasello Ramos
Pedro Henrique Pereira Graziano